



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

ELIS GARDÊNIA CHAVES ADELINO

AS INFLUÊNCIAS DA REDE SOCIAL FACEBOOK:
nos processos de ensino aprendizagens da Escola Estadual
de Ensino Médio Governador Clóvis Bezerra Cavalcanti

Guarabira – PB

2014

ELIS GARDÊNIA CHAVES ADELINO

**AS INFLUÊNCIAS DA REDE SOCIAL FACEBOOK:
nos processos de ensino aprendizagens da Escola Estadual
de Ensino Médio Governador Clóvis Bezerra Cavalcanti**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.^a Ma Vanusa Valério dos Santos

Guarabira – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A229i Adelino, Elis Gardênia Chaves

As Influências da Rede Social Facebook: nos processos de ensino aprendizagens da Escola Estadual de Ensino Médio Governador Clóvis Bezerra Cavalcanti [manuscrito] : / Elis Gardênia Chaves Adelino. - 2014.

44 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Ma. Vanusa Valério dos Santos, Departamento de Educação".

1.Paradigmas Educacionais.2. Cibercultura. 3. Processos de Ensino. I. Título.

21. ed. CDD 370

ELIS GARDÊNIA CHAVES ADELINO

**AS INFLUÊNCIAS DA REDE SOCIAL FACEBOOK:
nos processos de ensino aprendizagens da Escola Estadual
de Ensino Médio Governador Clóvis Bezerra Cavalcanti**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em

19 / julho / 2014.

Banca examinadora:

Vanusa Valério dos Santos

Profª Ma. Vanusa Valério dos Santos / UEPB

Orientadora

Azemar S. Soares Júnior

Prof. Me. Azemar dos Santos Soares Júnior / UEPB

Examinador

José Otávio da Silva

Prof. Dr. José Otávio da Silva / UEPB

Examinador

Guarabira – PB

2014

“A palavra convence, o exemplo
arrasta” (Autor Desconhecido).

“Estudar não é um ato de
consumir ideias, mas de criá-las e
recriá-las”
(Paulo Freire).

“Põe tudo que é no mínimo que
fazes” (Fernando Pessoa).

Ao meu marido por toda a ajuda, paciência, incentivo e por ter cuidado de nossos filhos possibilitando-me assistir às aulas durante todo o curso.

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente, agradeço a Deus, acima de todas as coisas terrenas, por ter me dado esse dom sublime de lecionar e compartilhar conhecimentos com alunos e colegas de trabalho.

Agradeço a professora Vanusa Valério dos Santos pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, compreensão, apoio e dedicação.

Agradeço ao meu marido, Maurício, por me apoiar financeiramente e psicologicamente, sempre incentivando meu crescimento profissional, e aos meus pais que, com muita determinação, deram-me uma criação digna e, com isso, nunca desistir diante de qualquer obstáculo que venha a surgir nos caminhos que ainda trilharei em busca do sucesso.

RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta algumas reflexões e análises sobre as influências da rede social Facebook: nos processos de ensino aprendizagens da Escola estadual de Ensino Médio Governador Clóvis bezerra Cavalcanti, situada na cidade de Dona Inês, Paraíba. O foco da pesquisa foi investigar sobre o uso do Facebook e se este está ajudando ou prejudicando os processos de ensino aprendizagens na referida escola. Teve como motivação as inquietações de alguns professores e alunos sobre as influências que esta rede social está inferindo na prática docente e discente. Desta forma identificou-se que alguns professores recusam-se, ou não tem se esforçado, a acompanhar o ritmo acelerado de busca e acesso as informações/comunicações através das novas TIC's – Tecnologias da Informação e Comunicação – em suas atividades cotidianas. Para a realização dessa pesquisa foi desenvolvido um estudo de caso fundamentado em Richardson (1999), Gil (2002), Marconi e Lakatos (2006), entre outros estudiosos. Sendo assim, para realização da investigação buscamos levantar subsídios para compreender os motivos que conduzem alguns professores e alunos a tamanha inquietação. Desta forma, o trabalho ora apresentado teve como forma de abordagem a pesquisa quantitativa cuja modalidade foi pesquisa campo, contemplando os objetos de cunho exploratório e descritivo. As técnicas utilizadas para coleta de dados foram dois questionários (anexos I e II), aplicados com os professores e alunos, respectivamente, e observação. E os instrumentos empregados foram: conversa informal com alunos e professores, observação das práticas docentes e discentes e roteiro de perguntas utilizadas para o questionário. Contudo, para melhor estruturarmos este trabalho, o subdividimos em: paradigmas educacionais, conceituando e englobando-os em seus processos históricos, desde o tradicional ao emergente; também conceitua cibercultura, ciberespaço e cibercidade e suas interconexões na era tecnológica educacional; aborda, sucintamente sobre nativos e imigrantes digitais, bem com a linguagem digital utilizada por eles no ciberespaço e suas influências nas atividades escolares cotidianas, demonstrando as influências do Facebook nos processos de ensino aprendizagens, sendo todas as partes baseadas em dados teóricos e empíricos. Num primeiro momento, a pesquisa será introduzida de forma breve, em seguida apresentaremos os procedimentos metodológicos, ou seja, o desenho da investigação. Neste item será abordado os objetivos, tema, hipóteses, coleta de dados, tipologia do estudo, procedimentos e abordagem do problema. Para fundamentar a metodologia recorreremos aos pesquisadores Richardson (1999), Araújo (2000), Gil (2002), Marconi e Lakatos (2006), logo após, apresentaremos a fundamentação teórica que será embasada nos estudiosos supracitados, como também, Lemos (2004), Lévy (1999), Castells (2000), Gardner (2000), Silva (2009), Ferreira; Carpim & Behrens (2010), Libâneo (1994), Queiroz & Moita (2007), Fontenele (2013), (2013), entre outros. Por fim, relataremos a análise e descrição dos resultados da investigação, que segundo Richardson (1999) é a escolha de procedimentos sistemáticos para a explicação de fenômenos. Por fim, a intenção dessa pesquisa é expressar as reflexões e experiências acerca do uso ou não do Facebook como ferramenta pedagógica, portanto, evidenciou-se que o uso das redes sociais na educação vigente é de suma importância para a melhoria dos processos de ensino aprendizagens da referida escola.

Palavras – chave: Paradigmas Educacionais; Cibercultura e Processos de Ensino.

ABSTRACT

This monograph presents some reflections and analysis about the influences of the social network Facebook: learning in the teaching of State High School Governor Clovis Bezerra Cavalcanti, located in the town of Dona Ines, Paraíba. The focus of the research was to investigate the use of Facebook and if it is helping or prejudicing the teaching learning process at the school. It was motivated through influences of some teachers and students about the social network and it is inferring in teaching and student practice. Thus it was identified that some teachers refuse, or do not have endeavored to keep pace search and access the information / communications through new ICT - Information and Communication Technologies - in their daily activities. To carry out this research a case study based on Richardson (1999), Gil (2002), Lakatos and Marconi (2006), among other scholars was developed. Therefore, to carry out the research we seek to raise subsidies to understand the reasons that lead some teachers and students to such unrest. Thus, the work presented here was to approach the form of qualitative and quantitative research method was whose research field, contemplating the objects of exploratory and descriptive. The techniques used for data collection were two questionnaires (Appendices I and II), applied with teachers and students, respectively, and observation. And the instruments used were: informal discussion with students and teachers, observation of teaching practices and student and script of questions used for the survey. However, to best to structure this work, subdivided into: educational paradigms, conceptualizing and encapsulating them in their historical processes from traditional to emerging; also conceptualizes cyberculture, cyberspace and cybercity and their interconnections in the technological era education; discusses briefly about digital natives and immigrants, as well as digital language used by them in cyberspace and its influences in everyday school activities, demonstrating the influence of Facebook in the teaching learning, all parts being based on theoretical and empirical data. Initially, the search will be introduced briefly, then present the methodological procedures, ie, the design of the research. This item will be addressed the goals theme, hypotheses, data collection, type of study, procedures and approach to the problem. To support the methodology we use to researchers Richardson (1999), Araujo (2000), Gil (2002), Lakatos and Marconi (2006), soon after, we will present the theoretical framework that is grounded in the aforementioned scholars, and Lemos (2004), Levy (1999), Castells (2000), Gardner (2000), Smith (2009), Ferreira; Carpim & Behrens (2010), Libâneo (1994) & clump Queiroz (2007), Fontenele (2013) (2013), among others. Finally, we report the analysis and description of the results of the investigation, which according to Richardson (1999) is the choice of systematic procedures for the explanation of phenomena. Finally, the intention of this research is to express the thoughts and experiences about the use or not of Facebook as a pedagogical tool, therefore, evident that the use of social networks in the prevailing education is of paramount importance for the improvement of the teaching learning said school.

Keywords: educational paradigms; Cyberculture and Learning Processes.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	11
2 – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	13
2.1 – Método de abordagem.....	13
2.2 – Técnicas da pesquisa.....	14
3 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1 – Conceituando paradigmas.....	16
3.2 – Evolução histórica dos paradigmas educacionais.....	17
3.2.1 – Paradigma da tendência liberal tradicional.....	17
3.2.2 – Paradigma da tendência liberal não diretiva ou escola nova.....	18
3.2.3 – Paradigma da tendência liberal tecnicista.....	19
3.2.4 – Paradigma das tendências progressistas.....	20
3.2.4.1 – Paradigma da tendência progressista libertadora.....	20
3.2.4.2 – Paradigma da tendência progressista libertária.....	21
3.2.4.3 – Paradigma da tendência progressista histórico crítica.....	22
3.2.5 – Paradigmas emergentes.....	22
3.3 – Cibercultura, ciberespaço, cibercidade.....	24
3.4 – Nativos e imigrantes digitais.....	26
3.5 – A história e análise educacional do Facebook.....	27

3.5.1 – A linguagem virtual altera positivamente ou negativamente na linguagem escolar?.....	28
3.5.2 – Os impactos do Facebook nos processos de ensino aprendizagens.....	32
4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS.....	34
4.1 – Análise dos dados na visão dos professores.....	35
4.2 – Análise dos dados na percepção dos alunos.....	36
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
Anexo I – Pesquisa (aplicada com os professores).....	40
Anexo II – Pesquisa (aplicada com os alunos).....	41
REFERÊNCIAS.....	42

1 – INTRODUÇÃO

No cenário atual, o desenvolvimento tecnológico facilitou o acesso aos meios de comunicações virtuais, originando um novo “paradigma educacional”, presente, principalmente, entre crianças e jovens. Portanto um “novo despertar” aguçado pela necessidade de participação dos pais, professores e demais interessados a adequarem-se a linguagem digital, encontrada e inserida nas redes sociais.

Podemos afirmar que as chamadas: “novas tecnologias” participam ativamente dos diversos meios de produção e interações de comunicação da sociedade, ou seja, a tecnologia vem firmando presença, cada vez maior, no espaço da vida das pessoas, principalmente, com o advento da internet e com ela, entre outras, o surgimento das redes sociais.

Para melhor abordarmos o desenho dessa pesquisa, que, ora apresentada, discute as influências da rede social Facebook nos processos de ensino aprendizagens, pois será explorado o trabalho desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Governador Clóvis Bezerra Cavalcanti, situada no município de Dona Inês no Estado da Paraíba, incluindo, para esta finalidade, os alunos e professores desta escola, tendo em vista que os mesmos costumam se questionar sobre essas influências, motivo esse que gerou a seguinte problemática: a rede social Facebook está contribuindo ou prejudicando os processos de ensino aprendizagens da referida unidade de ensino?

O principal objetivo desse trabalho foi analisar as influências da rede social Facebook: nos processos de ensino aprendizagens da Escola Estadual de Ensino Médio Governador Clóvis Bezerra Cavalcanti. E de acordo com a problemática supracitada, levantou-se as seguintes hipóteses: 1) os educadores não estão preparados para aproveitar o avanço tecnológico, bem como as redes sociais, e utilizá-los como ferramenta de trabalho; 2) os educadores não estão procurando ou não tem interesse em aperfeiçoar suas formações acadêmicas, visando a modernização de suas aulas e, conseqüentemente, motivar os alunos a participarem das aulas com o mesmo afinco com que demonstram no Facebook; 3) a linguagem digital usada pelos professores e alunos no Facebook não é a mesma utilizada no espaço físico da sala de aula, e por essa razão, os docentes acabam reprimindo aqueles alunos que fazem uso desta nas atividades escolares, momento em que é exigido pelos professores apenas a norma culta da língua portuguesa.

Os objetivos específicos dessa pesquisa são: a) Abordar os paradigmas no contexto histórico educacional; b) Pesquisar e analisar a linguagem digital utilizada em redes sociais;

c) Conceituar mídia, ciberespaço e cibercidade, expondo a relação entre eles, no contexto educacional; d) Explorar o impacto da rede social Facebook na vida e formação dos discentes da referida escola; e) Fazer uma pesquisa de campo e analisar as opiniões de professores e alunos, a respeito da contribuição das redes sociais no processo de ensino-aprendizagem.

Atualmente, o corpo docente dessa escola é composto por 23 professores e o corpo discente é composto de 700 alunos, aproximadamente. O critério para a escolha desse público-alvo foi devido à grande demanda de alunos estarem conectados na internet, em especial no Facebook, por meio de aparelhos eletrônicos como celulares, computadores, tablets, smartfones..., inclusive dentro da sala de aula, o que tem causado incômodo na maioria do corpo docente desta instituição.

Esse trabalho foi subdividido em partes: primeiro começamos introduzindo a pesquisa; depois falamos sobre os procedimentos utilizados para a investigação, análise e exposição dela; e em seguida damos início ao embasamento teórico, em o qual abordamos, a princípio, os paradigmas educacionais, conceituando e englobando-os em seus processos históricos, desde o tradicional ao emergente; em seguida conceituamos o termo cibercultura, ciberespaço e cibercidade e suas relações com a era tecnológica educacional; posteriormente, falamos um pouco sobre imigrantes e nativos da era digital; tratamos, de forma sucinta, sobre a linguagem digital utilizada por alunos e professores no ciberespaço e suas influências nas atividades escolares cotidianas, pois buscamos explorar as influências do Facebook nos processos de ensino aprendizagem, sendo todas as partes baseadas em dados teóricos e empíricos. Por último, foi a análise dos dados obtidos nos questionários, que serão explicadas, também de maneira sucinta, no corpo do texto.

No tocante ao procedimento metodológico, foi feito uma pesquisa de campo, com observação e aplicação de dois questionários, em que buscou as percepções dos docentes e dos discentes sobre o tema abordado. Dessa forma, foi feita uma abordagem quali-quantitativa a partir da coleta dos dados, sendo essa pesquisa do tipo exploratória, pois busca explorar os motivos da insatisfação de alguns professores e alunos com relação aos processos de ensino vigentes na referida unidade de ensino. Também foi feita uma análise exploratória descritiva sobre esses dados, a qual inferiu-se que embora os professores e alunos estejam juntos em um ambiente propício ao ensino e aprendizagem, estão caminhando separados, pois, metaforicamente, um não está, ou não quer entender a linguagem do outro e juntos não estão conseguindo dialogar.

2 - PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O procedimento metodológico baseou-se na utilização do método quali quantitativo, segundo a corrente estruturalista, e técnicas exploratórias e descritivas, que através de um estudo de caso baseado nas concepções de Yin apud Ventura (2007), é uma investigação empírica que engloba um método abrangente, através da lógica no planejamento, coleta e análise de dados, podendo abranger um estudo de caso único ou múltiplos, com abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa.

Essa pesquisa foi desenvolvida com professores e alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Governador Clóvis Bezerra Cavalcanti, na cidade de Dona Inês, no Estado da Paraíba. Buscou-se explorar os dados extraídos da pesquisa de campo, de forma a alcançar os objetivos almejados e constatar as hipóteses, caracterizando-a em um referencial teórico, baseado em estudiosos da área, como: Lemos (2004), Levy (1999), Castells (2000), Gardner (2000), Smith (2009), Ferreira; Carpin & Behrens (2010), Libâneo (1994) & clump Queiroz (2007), Fontenele (2013) Magrin (2013), entre outros.

2.1 – Método de abordagem

Segundo CERVO & BERVIAN apud ARAÚJO (2000), o método é visto como uma ordem diante dos processos necessários na intenção de alcançar uma finalidade a um resultado almejado. No que concerne às ciências, percebe-se como método uma junção de procedimentos que a percepção humana deve utilizar na investigação e demonstração da verdade.

Esse método é indutivo por excelência, pois confunde-se com o experimental, e, segundo Araújo (2000), compreende as seguintes etapas:

a. Observação - estudo das manifestações da realidade, espontâneas ou provocadas. A observação científica, obviamente, difere da observação comum, por ser rigorosa, precisa, metódica e voltada para a explicação dos fatos. A observação científica, frequentemente, necessita de instrumentos que a tornam mais objetiva, mais rigorosa e quantificam o que está sendo observado.

b. Hipótese - ou explicação provisória do fenômeno a ser estudado. A hipótese

propõe uma solução para o problema, que a investigação confirmará como verdadeira ou não. Por esse motivo, a qualidade principal da hipótese é ser passível de verificação.

c. Experimentação - observação provocada com o fim de controle da hipótese. Enquanto na observação os fenômenos são estudados como se apresentam, na experimentação os fenômenos são estudados nas condições determinadas pelo experimentador. A importância da experimentação está no fato de proporcionar condições privilegiadas de observação, podendo-se repetir os fenômenos, variar as situações da experiência, tornar mais lentos os fenômenos muito rápidos etc. Quando a experimentação não confirma a hipótese formulada, a pesquisa científica deve recomeçar, na busca da confirmação de outra hipótese.

d. Comparação - classificação, análise e crítica dos dados recolhidos.

e. Abstração - verificação dos pontos de acordo e de desacordo dos dados recolhidos.

f. Generalização - consiste em estender a outros casos semelhantes um conceito obtido nos fenômenos observados.

Portanto, o método utilizado no desenvolvimento dessa pesquisa foi baseado na corrente de pensamento estruturalista, desenvolvida por LÉVIS-STRAUSS, que segundo Araújo (2000) parte da investigação de um fato concreto que perpassa ao nível do abstrato por intermédio da utilização de um padrão junto ao objeto de estudo, tornando-o concreto novamente, porém, como uma realidade estruturada, relativa a vivência do ser sociável. Este método pode ser conhecido como qualiquantitativo, portanto, percorre desde o concreto ao abstrato e vice-versa, analisando, descrevendo e explorando a realidade concreta dos diversos fenômenos. Por fim, segundo Richardson (1999), essa metodologia escolhida, intenciona precisão na exploração dos resultados, evitando distorções na análise e interpretação dos dados, mesmo as respostas sendo subjetivas, esse procedimento nos concede uma margem de segurança muito grande quanto às inferências.

2.2 – Técnicas da pesquisa

"Técnica é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos" (MARCONI E LAKATOS, 2006, p. 176).

Foram, também, utilizadas, conforme relatado anteriormente, as técnicas que integram o método qualiquantitativo, que segundo Richardson (1999, p. 22), significa a "escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de fenômenos".

Por fim, a tipologia textual desse trabalho é de cunho exploratório descritivo, pois busca transcrever os dados adquiridos com a aplicação da pesquisa. E, por haver certa rejeição por parte dos docentes dessa escola em aceitar a utilização do Facebook como ferramenta pedagógica para a prática docente, foram desenvolvidos dois questionários escritos (conforme anexos I e II), um para os professores e o outro para os alunos, respectivamente, da referida escola. E a análise de dados foi feita, de maneira quantitativa, para exposição dos dados e análises das respostas obtidas, na intenção de diagnosticar as influências da rede social Facebook nos processos de ensino e aprendizagens na unidade de ensino supracitada.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica é responsável pelo aporte teórico dos estudiosos sobre o tema abordado no trabalho, pois é nesta parte que será feita a sustentação dos teóricos. Também é conhecida como de revisão bibliográfica, fundamentação bibliográfica, revisão teórica, entre outros.

Esta é a parte dedicada a contextualização teórica do problema e a seu relacionamento com o que tem sido investigado a seu respeito. Deve esclarecer, portanto, os pressupostos teóricos que dão fundamentação a pesquisa e as contribuições proporcionadas por investigadores anteriores. Essa revisão não pode ser constituída apenas por referências ou sínteses dos estudos feitos, mas por discussão crítica do “estado atual da questão”. Quando esta parte se mostrar muito extensa, pode ser apresentada como um capítulo independente, logo após a introdução (GIL, 2002, p. 162).

Segundo Richardson (1999), o pesquisador deverá realizar uma interpretação do fenômeno, analisando criticamente as diversas concepções e perspectivas apresentadas, mediante referência a tudo o que se escreve sobre ele.

“Nesta fase o pesquisador deverá responder às seguintes questões: quem já escreveu e o que já foi publicado sobre o assunto? Que aspectos já foram abordados? Quais as lacunas existentes na literatura?” (SILVA E MENEZES, 2001, p. 30), sendo considerada, por diversos estudiosos, importantíssima, porque favorecerá a definição de contornos mais precisos da problemática a ser estudada.

Neste item o pesquisador deve apresentar ao leitor as teorias principais que se

relacionam com o tema da pesquisa e o que se diz sobre o tema na atualidade, qual o enfoque que está recebendo hoje, mas, também é fundamental a contribuição teórica do autor da pesquisa.

3.1. Conceituando paradigmas

Serão expostos, a seguir, os principais conceitos teóricos necessários ao desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, para a compreensão, análise e reflexões, sobre as influências da rede social Facebook, nos processos de ensino aprendizagens educacionais.

Começaremos inicialmente conceituando os paradigmas educacionais, seus processos históricos e suas correlações com a educação.

Segundo Bechara (2011), paradigma é o termo dado a um modelo, um padrão. O termo “paradigma”, originado do latim, pode ser entendido como um molde, uma representação de um padrão a ser seguido, uma referência inicial como base de modelo para estudos e pesquisas.

E segundo o dicionário priberam da língua portuguesa (online), a palavra paradigma é um substantivo masculino e pode ser empregado para designar algo que sirva como de exemplo geral ou como um modelo padrão. A união de termos ou elementos que podem ocorrer na mesma posição ou contexto de uma estrutura.

O que ocorre é que quando estamos “aprisionados” a um paradigma, raramente conseguiremos aceitar outra opinião, pois o paradigma é um princípio, teoria ou conhecimento originado da pesquisa em um campo científico. Uma referência inicial que servirá de modelo para novas pesquisas, e para que ocorra a mudança de mentalidade será necessário um grande esforço, e conseqüentemente passaremos a ver as coisas de outra visão.

Existem basicamente dois tipos de paradigmas: o paradigma inovador e o paradigma da complexidade.

E temos a seguinte definição para o paradigma inovador:

O paradigma inovador busca então estimular a reflexão do aluno, o seu espírito investigativo, valorizando suas inteligências múltiplas, oportunizando um relacionamento dialógico com o professor, os colegas, a escola e o ambiente profissional. Possibilita também construir seu próprio conhecimento, levando o aluno a ser respeitado em suas diferenças individuais, considerado um ser único, valioso e com talentos próprios. (FERREIRA; CARPIM; BEHRENS, 2010, p. 55).

Já no paradigma da complexidade, o procedimento para aquisição do conhecimento é o resultado das relações entre o aluno e o meio, nesta ocasião o professor é apenas um mediador do processo com diálogos, coleta de novas informações, discussões críticas, ativas e inovadoras e propor que os alunos sempre busquem novas pesquisas, que possibilitem uma aprendizagem significativa e relevante, com produção de conhecimento próprio e autônomo, ou seja, não pode ser baseado exclusivamente na transmissão conteudista dos conhecimentos, mas na produção deles.

Portanto, um paradigma educacional é um modelo usado na área da educação. Os paradigmas inovadores constroem práticas pedagógicas que proporcionam aprendizagens significativas, causando uma verdadeira mudança na aprendizagem do aluno. O paradigma usado por um educador possui grande impacto no aluno, o que na maioria das vezes determina se ele vai aprender ou não determinado conteúdo. A forma de aprendizagem das novas gerações é diferente das gerações anteriores, e por isso um paradigma conservador não terá grande eficácia ao se aplicado na cultura educacional vigente.

3.2 – Evolução histórica dos paradigmas educacionais

Historicamente os doutrinadores ainda estudam os paradigmas educacionais, mas didaticamente, vamos delinear a seguinte divisão para efeito de caracterizar cada um deles: paradigma da tendência liberal tradicional; paradigma da tendência liberal não diretiva ou escola nova; paradigma da tendência liberal tecnicista; paradigma das tendências progressistas: paradigma da tendência progressista libertadora, paradigma da tendência progressista libertária, paradigma da tendência progressista histórico crítica; e os paradigmas emergentes.

Sendo assim iremos, concisamente, discorrer sobre cada um desses paradigmas.

3.2.1 - Paradigma da tendência liberal tradicional

“O termo liberal não tem o sentido de "avançado", "democrático", "aberto", como costuma ser usado. A doutrina liberal apareceu como justificação do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais da sociedade, estabeleceu uma forma de organização

social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada sociedade de classe. A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade”. (LIBÂNEO, 1994, p.54).

No tocante ao povo brasileiro estima-se que foram os jesuítas, os pioneiros da inserção desta modalidade de paradigma, pois a tendência tradicional tinha o principal objetivo de preparar, principalmente, os filhos dos grandes fazendeiros ou burgueses que eram a classe dominante e autoritária do “Brasil Colônia”. Visando, a escola, preparar os alunos para assumirem papéis na sociedade, através do repasse do conhecimento moral e intelectual garantindo aos “donos do poder” a perpetuação da manutenção do modelo social e político vigente.

Para tanto, o professor era a figura central, único detentor do saber, fiscal, conselheiro, educador, e fonte para obter o conteúdo. Este conteúdo passado através de aulas expositivas, organizada de acordo com uma sequência rígida, baseada na reiteração e na memorização.

A docência conservadora advém de uma visão reducionista incumbida de propagar os modelos educacionais e projetada no meio da escola tradicional, nasceu no século XVIII e tomou como base a ciência da época. Além disso, as abordagens pedagógicas conservadoras eram embasadas na reprodução e na repetição de ações dentro de uma visão mecanicista do universo, na qual toda a ênfase do processo de ensino aprendizagem recaía nos valores materiais da vida, no desenvolvimento de habilidades e produtos. Portanto, a visão conservadora privilegiava apenas o adestramento intelectual do aluno trabalhador, sem levar em conta que o homem é, antes de tudo, um Ser em processo evolutivo e que necessita desenvolver múltiplas inteligências, não apenas cognitivas e motoras, mais acima de tudo afetivas. (FERREIRA; CARPIM; BEHRENS, 2010, p. 52)

3.2.2 - Paradigma da tendência liberal não diretiva ou escola nova

Surgiu, por volta do início do século XX, um novo pensamento dito liberal democrático considerado, para alguns, como o mais forte movimento renovador da educação brasileira, que defendia a escola pública para todas as camadas sociais brasileiras, chamada de “Escola Nova”. Mas também possui críticas, a exemplo de Saviani, o qual diz que “a Escola Nova acaba por aprimorar o ensino das elites, rebaixando o das classes populares”. (SAVIANI apud QUEIROZ & MOITA, 2007, p. 6).

Ao contrário da escola conservadora, esta tendência exige o professor do centro do processo e coloca no aluno (papel fundamental) a atenção principal no processo disciplinar pedagógico, aguçando a sua curiosidade, criatividade e inventividade, estimulados pelo professor ou mero facilitador do ensino (papel secundário).

Nesse contexto, esse paradigma defende um ensino baseado nas experiências dos alunos, focado nas descobertas e interesse da classe, permeando uma aprendizagem construtivista que os beneficiam e os estimulam. Portanto, nota-se que este modelo pode ser considerado o ideal para os “novos desafios” de comunicação/ensino aprendizagens, pois propicia uma interação adequada e estimulante para os alunos que são existentes em um meio de comunicação social provenientes da internet, como exemplo: o Facebook.

3.2.3 - Paradigma da tendência liberal tecnicista

A Tendência Liberal Tecnicista começa a despontar no final dos anos 60 do século XX, quando do declínio da Escola Renovada proporcionada pelo regime militar no país, as elites priorizavam uma educação direcionada às grandes massas, a fim de continuarem no poder.

O principal propósito desse paradigma era atender as necessidades da sociedade capitalista da época, inspirado na teoria do behaviorismo¹ “condicionadora de comportamentos”, cuja verdade científica é tida como única e incontestável.

Denominado de “tecnicismo educacional”, teve suas teorias da aprendizagem centradas num ensino de forma controladora e sistemática das ações dos alunos e inclusive dos professores, baseadas em atividades repetitivas, sem reflexão e absolutamente programadas, com riqueza de detalhes. E a exemplo do paradigma conservador não pode ser considerado o ideal para os “desafios emergentes” de comunicação e ensino aprendizagens do século XXI, pois não propicia, atualmente, uma interação estimulante proporcionada pelos meios de comunicações sociais na internet, a exemplo do Facebook.

Naturalmente que este modelo, que defende a fragmentação do conhecimento, calcado na crescente especialização da ciência compromete a construção de uma visão global por parte dos educadores, impossibilitando

¹ O **Behaviorismo** – do termo inglês behaviour ou do americano behavior, significando conduta, comportamento – é um conceito generalizado que engloba as mais paradoxais teorias sobre o comportamento, dentro da psicologia.(<http://www.infoescola.com/psicologia/behaviorismo>)

ou dificultando, muitíssimo, o desenvolvimento de um ser humano mais integrado interiormente e participante socialmente . (QUEIROZ; MOITA, 2007, p.9).

3.2.4 - Paradigma das tendências progressistas

Também, na França, na década de 60 do século XX, surge um novo paradigma educacional conhecido como Tendência Progressista, que mais tarde fora adotada junto à implantação da democracia brasileira, em meados da década de 80 do século supracitado, devido a intensa mobilização de educadores que buscavam uma educação crítica. Neste cenário, o sistema escolar brasileiro passa a ser visto como reprodutor da classe dominante.

Portanto, após a repressão militar novos conteúdos e particularidades vieram surgindo de forma que pudesse proporcionar a democratização do acesso aos novos meios de comunicação e posteriormente o acesso à internet por parte da população em geral.

Por ser uma tendência vigente, de certa forma colaborou com progresso e democratização de acesso aos meios de comunicações, mas ainda não está totalmente adequado para os meios de comunicações sociais virtuais, haja vista ter sido um processo de renascimento de um período autoritário, repressivo e manipulador das camadas sociais.

3.2.4.1 - Paradigma da tendência progressista libertadora

Conhecida como pedagogia libertadora, esta nova tendência surgiu após muitos movimentos educacionais populares que se confrontavam com o autoritarismo e a dominação social da época.

Nesta tendência pedagógica, a atividade escolar deveria centrar-se em discussões de temas sociais e políticos e em ações concretas sobre a realidade social imediata. O professor deveria agir como um coordenador de atividades, aquele que organiza e atua conjuntamente com os alunos. Seus defensores, dentre eles o educador pernambucano Paulo Freire, lutavam por uma escola conscientizada, que problematizasse a realidade e trabalhasse pela transformação radical da sociedade capitalista. (QUEIROZ E MOITA, 2007, p.12).

Foi um paradigma dotado de características populares, essa tendência fez-se presente em escolas e universidades públicas brasileiras, diferente das instituições privadas. Portanto, não colaborou, totalmente, com a acessibilidade dos meios virtuais por não ter atingido a

todos os níveis sistêmicos do ensino brasileiro.

3.2.4.2 - Paradigma da tendência progressista libertária

Em meados da década de 80 do século anterior, um novo paradigma educacional, conhecido como tendência progressista libertária surgiu e foi fruto da abertura democrática brasileira, materializando-se com o retorno do exilados políticos ao Brasil. Época marcada por lutas para a conquista da liberdade de expressão.

Também aumenta a necessidade de escolas exclusivamente democráticas e inclusivas, ao passo que se consolida a propagação do sistema educacional de ensino de forma unificada e popular, que possa corresponder aos anseios da classe trabalhadora, que respeite as diferenças etárias, étnicas e sociais vigentes, garantindo a igualdade de acesso e permanência em instituições de ensino gratuitas e de qualidade para todos os cidadãos brasileiros.

Esse paradigma espera que a escola exerça uma função importante na formação da personalidade dos alunos, em um sentido libertário e autônomo, baseado nas participações grupais de diversos segmentos das sociedades, como: assembleias, conselhos, eleições, reuniões e associações.

Nota-se nesta tendência que o conhecimento resultante das experiências adquiridas da vivência do grupo é mais importante do que os conteúdos repassados pelo professor, estes conteúdos são meros instrumentos secundários colocados à disposição do aluno.

Nesse contexto, esse paradigma defende um ensino baseado nas experiências dos alunos, focado nas descobertas e interesse da vivência grupal, permeando uma aprendizagem construtivista que os beneficia e os estimula. Trata-se de colocar à disposição do alunado todas as suas possibilidades, dando a eles a liberdade e autonomia para trabalhar da forma que preferirem. Dessa forma, esse paradigma considera desde o princípio a ineficiência de todo método baseado em obrigações e ameaças. Com isso, o educador é visto como um auxiliador, que põe-se a serviço do alunado sem fazer imposições, pois o importante nesse processo é o bem comum.

Por fim, observa-se que foi no decorrer desse paradigma, que surgiu com a globalização, ocorreu um grande avanço na tecnologia educacional, que possibilitou aos integrantes da sociedade um novo pensar sobre aquilo que posteriormente foi chamado de redes sociais na internet, ou seja, possibilidades de trocas de conhecimentos, de

sociabilização, de vivências socioculturais, entre outros.

3.2.4.3 - Paradigma da tendência progressista histórico crítica

Outra tendência marcante no cenário cultural brasileiro, na década de 80 do século XX, foi o paradigma da tendência progressista histórico crítica ou como muitos preferem: tendência progressista crítico social dos conteúdos ou simplesmente histórico crítica. Cujo objetivo principal era ser contrária à “pedagogia libertadora”, pois entendia que deveria ser através do domínio dos conteúdos científicos (historicamente acumulados ou acervo cultural), com a prática de métodos de estudo, junto da construção de habilidades e raciocínio científico das classes populares, alcançar-se-ia a efetiva participação do alunado nas lutas sociais.

Mas é um grande desafio, um processo formativo educacional que visa propiciar ao aluno, com embasamento teórico e reflexivo da prática social, uma grande gama de informações aliadas e direcionadas a participação de uma realidade social injusta e desigual. Nesse paradigma educacional, entende-se que não basta repassar conteúdo escolar que aborde às questões sociais. Faz-se necessário, que os alunos tenham o domínio dos conhecimentos, das habilidades e capacidades para interpretar suas experiências de vida e defender seus interesses de classe.

Acredita-se que a exemplo dos paradigmas libertários e progressistas pode ser considerado o ideal para os “desafios emergentes” de comunicação e ensino aprendizagens do século XXI, pois propicia, atualmente, através de estudos de caso, bem sucedidos de implantação de comunicações em instituições de ensino, possibilitando as classes populares trocas de conhecimento, sociabilização, vivências socioculturais históricos de lutas e participações políticas por todas as classes.

3.2.5 – Paradigmas emergentes

Após muitas mudanças paradigmáticas educacionais, eis que surge um novo paradigma educacional, um modelo diversificado, que valoriza a criatividade do aluno e o coloca como agente integrante e participante nos variados processos de ensino aprendizagens, e com o auxílio dos diversos aparatos tecnológicos, busca seu próprio conhecimento e tem no

professor a figura de um orientador, um mediador de conhecimentos.

Esses novos paradigmas reconhece o indivíduo como um ser construtivista, um aprendiz que colabora na construção do próprio conhecimento usando as sensações, as emoções, a razão e a intuição.

Dessa forma, esse novo sistema educacional compreende a relação dialética existente entre sujeito-objeto e processos de construção do conhecimento. E segundo Moraes é importante:

perceber que a missão da escola mudou, que em vez de atender a uma massa amorfa de alunos, despersonalizados, é preciso focalizar o indivíduo, aquele sujeito original, singular, diferente e único; dotado de inteligências múltiplas, que possui diferentes estilos de aprendizagem e, conseqüentemente, diferentes habilidades para resolver problemas. Mas um “sujeito coletivo”, inserido numa ecologia cognitiva da qual fazem parte outros humanos, cujo pensamento é também influenciado pelas pessoas integrantes do ambiente, a partir de uma relação contínua existente entre o pensamento e o ambiente em geral, dois aspectos inseparáveis de um único processo, cuja análise em partes distintas já não faz mais sentido. (MORAES, 2003, p. 15).

Assim, observamos que no sistema educacional vigente, o importante é o sujeito e sua relação com: o meio e os processos para o acesso a informação/comunicação, que conseqüentemente resultam em aprendizagens significativas e impessoais, haja vista que no paradigma educacional vigente cada sujeito é um ser independente, dotado de capacidade e liberdade de escolha, pois sua aprendizagem é vista como diferenciada, algo que no paradigma tradicional não se respeitava.

A autora supracitada, ainda afirma que é essencial

focalizar e valorizar mais o processo de aprendizagem do que a instrução e transmissão de conteúdos, lembrando que hoje é mais relevante o como você sabe do que o que e o quanto você sabe. É necessário levar o indivíduo a aprender a aprender, traduzido pela capacidade de refletir, analisar e tomar consciência do que sabe, dispor-se a mudar os próprios conceitos, buscar novas informações, substituir velhas “verdades” por teorias transitórias, adquirir os novos conhecimentos que vêm sendo requeridos pelas alterações existentes no mundo, resultantes da rápida evolução das tecnologias da informação. (MORAES, 2003, p. 15).

Portanto, o paradigma educacional emergente é um modelo de educação direcionado para um “sujeito coletivo”, um ser sociável que reconhece a importância do outro, e a relevância da sua participação na construção do conhecimento pessoal e social, um sujeito que

proporciona ambientes favoráveis ao desenvolvimento do conhecimento interdisciplinar, e de forma criativa oferece a sua parcela na contribuição para a evolução humana.

3.3 – Cibercultura, ciberespaço, cibercidade

Com a propagação dos aparatos tecnológicos e acesso a rede mundial de computadores (internet), criou-se um ambiente virtual chamado de ciberespaço, que segundo Levy (1999) é um meio para uso da comunicação que surgiu com a interconexão mundial de computadores, o que possibilitou o surgimento de uma cultura específica para esse espaço novo – a cibercultura.

Para Levy *apud* Teixeira (2013) a cibercultura seria um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

A forma “ciber” vai manter uma relação complexa com a vida social, designando a cultura eletrônica atual. Não busca uma dominação da natureza e do social, como foi a marca da tecnocultura moderna. Mas se trata de uma atitude sociocultural que se expande pela natureza já dominada e transformada em dígitos ou espectros do ciberespaço. (LEMOS, 2004, p. 18)

Nessa perspectiva, a cibercultura, diferente das outras mídias, oferece multiplicidade de informações, que por sua vez, podem ser configuradas e reconfiguradas ao mesmo tempo em que os seus usuários podem emitir informações novas.

Antes de abordarmos cibercidades precisamos tratar da conceituação epistemológica da palavra cidade, pois são espaços geográficos dinâmicos, onde se concentra grande parte da população mundial, que são os principais agentes transformadores, criando, recriando e modificando-a em diversos contextos sociais, agindo sobre o meio e tudo que os cerca.

Embora sejam fluxo de informação, as cibercidades diferenciam-se das cidades reais por não serem constituídas por fluxo e trânsito de pessoas, ou seja, pelo tecido urbano. Ela não é um campo onde transitam coisas, mas um espaço eletrônico onde trafegam bits e bytes.

Segundo Castells, (1996, p. 412) o espaço de fluxos é “a organização material de tempo compartilhado de práticas sociais [...] sucessões propositadas, repetitivas, programáveis de troca e interação entre posições fisicamente deslocadas, organizadas por atores sociais nas estruturas econômicas, políticas e simbólicas de sociedade”.

Hoje, dentro desta perspectiva, temos a nossa disposição uma nova rede técnica (o ciberespaço) e uma nova rede social (as diversas formas de sociabilidade online), configurando as cibercidades contemporâneas. A cidade muda ao ritmo das mudanças técnicas e sociais. Vários exemplos dessa nova cidade estão a nossa volta: home banking, celulares, pages, palms, votação eletrônica, imposto de renda online, shopping online, governo eletrônico, telecentros e as diversas redes de satélites, fibra-ótica, telefonia fixa e móvel. A cidadania, o exercício social na urbis, passa hoje por esse sentimento de conexão generalizada. Esta é o que caracteriza as cidades contemporâneas pela nova dinâmica instaurada pelas redes telemáticas. O ciberespaço nos faz emissores de informação e nos coloca em pleno nomadismo high-tech. Participar, ser cidadão hoje, é estar conectado. (LEMOS, 2004, p. 19).

E por não ser um simples arranjo espacial de ruas, prédios e monumentos, com o avanço tecnológico, tornou-se uma grande rede ecossocial complexa, interligando diferentes sistemas e agrupamentos socioculturais onde as interrelações e as formas de impacto de um sistema sobre o outro não podem ser simplesmente determinadas.

Nesse contexto, o ciberespaço é visto como um espaço de práticas sociais que inibem ou acabam com as práticas antigas. E, temos na escola virtual uma forma de organização do ensino, em consonância a determinadas situações, substituindo a escola real, como também a cidade virtual à cidade real. Trata-se, portanto, em insistir, não em uma lógica excludente, mas em fatores que se complementam.

Dessa forma, as cibercidades são formadas pelo mesmo processo de construção sociointeracional do ciberespaço. Elas podem ainda ajudar na formação de práticas que façam com que as pessoas evitem deslocamentos inúteis, pois assim, os cidadãos podem ter acesso a uma grande variedade de serviços, que passa a ser também um dos pontos positivos na criação das cibercidades. Estas, por sua vez, podem efetivamente integrar o mundo digital da cibercultura moderna e ajudar na participação dos cidadãos.

Portanto, percebemos que por traz de uma pequena, média ou grande cidade, há uma cibercidade, em um espaço paralelo ao espaço físico real, conhecido como ciberespaço, que juntos fazer parte de uma cibercultura e o cibercidadão encontra-se, atualmente, manipulando e sendo manipulado pelo real imaginário presente no mundo virtual cibernético das redes de computadores.

3.4 – Nativos e imigrantes digitais

Hoje, podemos encontrar, tanto nas pequenas, médias ou grandes cidades, um cenário comum: a população jovem ou adulta, de etnias e classes sociais variadas, pelas ruas portando aparelhos eletrônicos, em sua maioria, com acesso à internet, com os quais, conseguem se comunicar com pessoas de todo o mundo, tirar fotos, fazer vídeos e instantaneamente postar nas redes sociais, onde costumam trocar mensagens de texto, com opiniões pessoais ou profissionais, e entre outras diversas funções.

Esses cibercidadãos são compostos por dois grupos de pessoas: o primeiro grupo é composto por aqueles que nasceram por volta da década de 90 do século XX, que cresceram tendo a internet como parte do seu habitat natural, cultural e cognitivo. Esse grupo é chamado de “Nativos Digitais”, pois para eles a vivência e as relações pessoais, afetivas e de trabalho, estão, na maioria das vezes, interligadas a comunicação por intermédio de uma rede social, ou seja, suas vidas compreendem o real e o virtual, de forma a convergirem integralmente, do primeiro para o segundo.

Segundo o educador e pesquisador Marc Prensky (2001), esses jovens acostumaram-se a adquirir informações de maneira rápida e fácil, sendo na internet que eles encontram a praticidade de busca que não costumam encontrar em fontes impressas. E, devido essa facilidade em acessar e entender a tecnologia digital, Prensky os descreve como nativos digitais, uma vez que estes são capazes de falar a linguagem digital e conviver com ela desde o seu nascimento.

Para Pescado (2010), essa é uma geração dinâmica, inquieta, pois preferem buscar o conhecimento, mesmo que errem, mas num processo de tentativas e erros, assimilar a lógica de um jogo, um programa de computador, a utilização de uma rede social, um blog, enfim, ficam desmotivadas ao conhecimento educacional demonstrativo ou expositivo, pois a busca por novos desafios torna-se mais interessante a receber instruções prontas, deixando o professor da atualidade condicionado a modernização da sua prática docente, a de tornar-se um imigrante digital, caso esse não seja nativo, para que as aulas possam tornar-se mais atraentes aos olhos dos nativos digitais.

O segundo grupo é composto por pessoas que nasceram antes da modernização e globalização tecnológica, e que passaram a ter o contato com a internet já na fase adulta. Aqueles que integram este grupo – quase metade da humanidade em idade produtiva, e de consumo – participam de uma nova realidade responsável pela produção digital, de consumo

e sociabilidade. Esse grupo pode ser chamado de imigrantes digitais, ou seja, aqueles que não nasceram na era digital, mas que adequaram-se a ela.

Portanto, a relação entre imigrantes e nativos digitais é complexa, uma vez que os imigrantes jamais serão nativos, por mais que se esforcem para conseguir compreender cognitivamente algo que os nativos já o fazem com grande facilidade e comodidade, pois são os nativos que possuem a capacidade de pensar e agir rapidamente, de maneira eficiente, usando as ferramentas inovadoras digitais.

3.5 – A história e análise educacional do Facebook

Estima-se que foi criado em 04 fevereiro de 2004, na Universidade Americana: Harvard, por Mark Zuckerberg e três amigos.

A palavra Facebook tem origem na língua inglesa, podendo ser compreendida como a junção de duas outras palavras em inglês - “Face” e “Book” -, que segundo Ramos (2007, p. 62), “face significa face, rosto, cara; fisionomia, semblante; careta; lado, aspecto; frente, fachada”. No entanto, a palavra “book” significa “livro; caderno; compêndio; livreto; texto de peça teatral; bloco, talão; registro de apostas. Verbo registrar, marcar em um livro ou lista” (RAMOS, 2007, p. 200). O Facebook é um meio capaz de atizar a curiosidade de seus usuários ao estabelecer contatos com troca de conhecimentos, adquirindo conhecimento e discussões entre diversos povos, sobre cultura, política, história, entre outros assuntos, ou seja, compartilhamento sobre diversos fatos, notícias, produtos para públicos específicos e inclusive diversos aplicativos. E em dezembro do mesmo ano de sua criação, a rede já alcançara a marca de um milhão de usuários cadastrados.

Um estudo de janeiro de 2009 do Compete.com classificou o Facebook como a rede social mais utilizada em todo o mundo por usuários ativos mensais. (...) A Quantcast afirma que o Facebook teve 138,9 milhões de visitantes únicos mensais nos Estados Unidos em maio de 2011. De acordo com o Social Media Today, estimava-se que em abril de 2010 cerca de 41,6% da população americana tinha uma conta no Facebook. No entanto, o crescimento de mercado do Facebook começou a estabilizar em algumas regiões, sendo que o site perdeu 7 milhões de usuários ativos nos Estados Unidos e no Canadá em maio de 2011. O Facebook entrou com pedido de uma oferta pública inicial em 1 de fevereiro de 2012. (OLIVEIRA, 2014).

No ano de 2012 foi diagnosticada a importância do Facebook, ano que superou a

Google, líder absoluta de acessos até então. Logo tornou-se a maior rede social da América Latina, ultrapassando o Orkut e o Twitter.

Em 4 de outubro de 2012 o Facebook atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos. Em média 316.455 pessoas se cadastram, por dia, no Facebook, desde sua criação em 4 de fevereiro de 2004. Os usuários devem se registrar antes de utilizar o site, após isso, podem criar um perfil pessoal, adicionar outros usuários como amigos e trocar mensagens, incluindo notificações automáticas quando atualizarem o seu perfil. (OLIVEIRA, 2014).

Por ser uma grande fonte de informações, permite ao usuário do Facebook navegar em busca de diversos assuntos sem sair da sua página na rede acessada, atualmente, de um simples celular que possua software compatível com a rede.

Destacou-se em pela democratização do acesso a várias camadas sociais brasileiras, e devido este recurso permite maior dinamismo na transmissão das informações e conteúdos (no celular), o que pode vir a transformar o uso do Facebook como o maior distribuidor de conhecimento, portanto deveria ser inserido e ampliando o uso desta rede social na educação?.

Ter uma boa ferramenta de troca de mensagens era quase uma obsessão para o Facebook. No ano passado, a empresa anunciou o “Facebook Phone”, uma espécie de roupagem no sistema Android que facilitava as conversas entre os usuários. A rede social também lançou o aplicativo Facebook Messenger para iOS e Android, que funciona de forma independente ao app do Facebook (MACHADO & MATSUURA, 2014).

É certo que existem diversos aplicativos que satisfazem diversas áreas de interesse, inclusive a educação. Estes aplicativos educativos podem auxiliar os estudantes e professores, ocasionando uma maior interação aluno – aluno e aluno-professor, com dicas de aprendizagem e organização, facilitando o ensino, e melhorando a aprendizagem.

3.5.1 A linguagem virtual altera positivamente ou negativamente na linguagem escolar?

Devido a rapidez da internet em dispor de conteúdos diversos, quase que instantaneamente, pode-se afirmar que está ocorrendo uma construção de uma nova linguagem própria e única que desafia a linearidade da escrita e do sistema alfabético. É

comum observamos, com frequência, o português culto no ciberespaço mesclado a um texto digital que imita o ritmo ágil e solto da comunicação oral, ignorando inúmeras normas ortográficas e sintáticas da língua.

Os cibercidadãos criaram uma linguagem paralela a padrão, que não respeita limites de abreviaturas, que em grande maioria não é sinalizada, enfim, não respeita a norma culta da língua portuguesa. Essa linguagem digital, utilizada no Facebook, ficou conhecida como “internetês” e por sua rapidez e praticidade, os “internautas” do mundo inteiro estão se comunicando por meio desta.

Porém, muito rapidamente, a linguagem digital tornou-se comum em seu uso, mesmo entre os educadores dentro do ciberespaço, porém, a medida que os educandos resolvem utilizá-la dentro da sala de aula, são repreendidos, e essa atitude passa a ser intolerável para a grande maioria dos docentes nas aulas presenciais por destruir o padrão da língua portuguesa, com abreviaturas que nunca existiram, passando a incomodar àqueles que defendem a linguagem padrão como a única correta.

Os avanços tecnológicos acarretam um conjunto de mudanças comportamentais, entre elas, a formas de se comunicar. Com a popularização da internet surgiu também uma variação da língua portuguesa que foge das normas cultas, ‘o internetês’. Segundo Wilma Ramos, professora de português e escritora, essa linguagem prejudica o rendimento escolar e pode resultar em prejuízos profissionais[...]. Por não haver limites na variação linguística, em se tratando de regência e concordância, o uso do internetês na vida acadêmica virou uma preocupação para muitos dos educadores da atualidade. Nessa perspectiva, “essa linguagem motivada pela pressa, que é inimiga da perfeição, se transforme numa realidade. O uso do internetês pode prejudicar o futuro profissional e a vida acadêmica”, afirma Wilma Ramos”(FONTENELE, 2013).

E segundo Gardner, o propósito da escola deveria ser:

o de desenvolver as inteligências e ajudar as pessoas a atingirem objetivos de ocupação e passatempo adequados ao seu espectro particular de inteligências. As pessoas que são ajudadas a fazer isso (...) se sentem mais engajadas e competentes, e portanto mais inclinadas a servirem a sociedade de uma maneira construtiva. (GARDNER, 2000, p.16).

É possível verificar de revistas ou trabalhos acadêmicos exemplos desta nova modalidade da língua, entre as milhares de simbologias e abreviações existentes, como exemplos, temos:

NOVO TERMO	SIGNIFICADO
VC	VOCÊ
VLW	VALEU
BLZ	BELEZA
S2	CORAÇÃO
TBM	TAMBÉM
KD	CADÊ
HA,HA,HA / KKKK / RSRRS	RISADAS
MT	MUITO
QRO	QUERO
VC, VCS	VOCÊ, VOCÊS
Q	QUE
FLW	FALOU
TDS	TODOS (AS)
MIGA	AMIGA
NUNK	NUNCA
PNCI	PENSEI
SPRO	ESPERO
D+	DEMAIS
SMPR	SEMPRE
NIVER	ANIVERSÁRIO
<i>ZZZZZZZ</i>	DORMIR
CMG	COMIGO
HJ	HOJE
PQ	PORQUE
M	ME
N	NÃO
CRT	CERTO
CM	COMO
QM	QUEM

Nota-se que esta nova linguagem denominada de “ortografia digital” dispensa

acentos, abusa das abreviações, cria pontuações e até usa números no lugar das letras. Os mais fluentes, nesta modalidade, são os adolescentes, geração contemporânea à tecnologia que agora coloca à escola e à família a tarefa de acompanhar o fenômeno e avaliar até que ponto ele pode influenciar o aprendizado da escrita formal.

No cotidiano de grande parte das escolas brasileiras a linguagem virtual vem causando muita polêmica no processo de ensino aprendizagens presenciais, pois gestores não permitem que seus alunos utilizem o “internetês”, ou seja, a ortografia digital em suas atividades escolares diárias.

O Internetês é um neologismo (de: internet + sufixo ês) que designa a linguagem utilizada no meio virtual, em que "as palavras foram abreviadas até o ponto de se transformarem em uma única expressão, duas ou no máximo três letras", havendo, com isso, "um desmoronamento da pontuação e da acentuação", pelo uso da fonética em detrimento da etimologia, com uso restrito de caracteres e desrespeito às normas gramaticais. Essa forma grafolingüística explodiu, principalmente, entre os adolescentes que passam horas na frente de um computador no Orkut, em chats, blogs e comunicadores instantâneos e na busca de interação de forma dinâmica. Outra característica é a agilidade e a facilidade de escrita. (MACIEL, 2008)

Alguns dos discentes da geração atual, ao produzirem textos, não se atêm às normas de escrita tão tradicionalmente cultuadas, mas aderem a um grupo de escritores que utilizam uma linguagem mais fluída, rápida e simples, porém com tanto significado e expressividade quanto obteriam em suas conversas diárias. Cabe ressaltar que os alunos compreendem o que escrevem, entendendo de forma distinta a linguagem, porque, para eles, ela é mais livre e menos difícil, o que muito lhes agrada.

A linguagem digital é utilizada na comunicação em redes sociais e possui muita semelhança com a língua falada, pois seus usuários acabam por suprimirem algumas letras das palavras para que possam com rapidez transmitir a mensagem desejada. Dessa forma, é necessário que os alunos saibam como e em que momento devem optar pelo uso de determinada linguagem e os educadores devem orientá-los a não confundir linguagem padrão com a linguagem digital, para que os mesmos possam adequar-se ao contexto social situacional em que estão inseridos, conforme a necessidade.

A linguagem digital e a linguagem padrão são, portanto, práticas comunicativas (ou sociais) distintas, com peculiaridades próprias, mas não são estanques, pois não formam uma dicotomia, mas se agrupam em um mesmo sistema linguístico. Além disso, possibilitam a construção da comunicação e socialização do sujeito.

3.5.2 – Os impactos do Facebook nos processos de ensino aprendizagens

Nos dias atuais, a facilidade de acesso a informação e comunicação é indiscutivelmente maior do que o das gerações passadas. Após a diversificação das TIC's – Tecnologias da Informação e da Comunicação, o cenário comunicacional atual está repleto de mídias e outras fontes informacionais como TV, jornal, rádio, comunicações via satélite, internet, entre outras; que proporcionam aos seus usuários facilidade de acesso quase que imediato aos acontecimentos vigentes.

Antes do avanço tecnológico as informações costumavam apresentar um caráter linear, ou seja, havia uma certa defasagem entre um fato ocorrido e a divulgação do mesmo pelo público em geral, uma vez que os meios de transmissão eram exclusivamente televisivo ou impresso, porém, hoje podemos ter acesso aos eventos em tempo real, à distância, obtemos informações simultâneas, recorrendo a recursos tecnológicos diversos.

Em se tratando das mais diversificadas modalidades de comunicação que estão se estabelecendo na então intitulada “sociedade da informação”, a rede social Facebook está em um processo de expansão contínuo, pois crianças e adolescentes estão cada vez mais imersos nesse paradigma educacional tecnológico atual, aprendendo a acessar e utilizar, desde a infância, as novas TIC's para interesses próprios – lazer, estudos, relacionamentos, etc., e o Facebook pode ser considerado um importante instrumento a serviço desses interesses.

A rede mundial de computadores (internet), hoje, já pode ser considerada o meio mais utilizado pela população mundial para o uso da comunicação, troca de informações, e conhecimentos, pois esse fato é devido a rede oferecer uma gama de dados e acesso rápido, a uma cibercultura acessível a todos que tiverem interesse. E com isso, a educação está enfrentando um grande desafio: como estabelecer com os cibercidadãos uma relação de ensino aprendizagens em conformidade com os interesses desse público-alvo e com os objetivos pedagógicos da escola? O Facebook que milhares de jovens são usuários pode ser considerado uma ferramenta de/para o ensino?

Hoje milhares de jovens utilizam a rede social Facebook para se comunicarem e consequentemente, conhecerem novas culturas. No entanto, segundo Recuero (2012), as redes sociais podem ser entendidas como um campo dinâmico capaz de disponibilizar informações

até mesmo as pessoas mais distantes.

A forma como o sistema escolar encontra-se organizado, atualmente, não está mais se adequando ao perfil da “geração net”, haja vista que esse público se envolve em várias atividades simultâneas, tem interesse em campos diversificados do saber, sejam nos conteúdos que estudam ou nas atividades que realizam no cotidiano, ou seja, estão se integrando em meio a uma multiplicidade de interesses e necessidades nas diversas situações que compõem sua personalidade e integralidade enquanto seres sociáveis.

Segundo Gardner (2000) não existe apenas uma inteligência, mas sim múltiplas inteligências humanas, pois somos capazes de aprender as ciências do conhecimento, e, a escola precisa diversificar suas maneiras de atuação, precisa adequar-se a esse novo “paradigma informacional”, promovendo debates e atividades lúdicas interativas que sejam capazes de estimular essas múltiplas inteligências.

Nesse cenário atual, surge uma perspectiva para a educação vigente que é a de fazer uso das novas TIC's de maneira eficaz e essa prática pode trazer melhoras na transmissão e assimilação do ensino conteudista, bem como sucesso nas atividades escolares, apenas com o bom uso do Facebook no cotidiano escolar, haja vista que este já exerce um grande fascínio entre esse público-alvo. Precisamos considerar que:

O ensino via redes pode ser uma ação dinâmica e motivadora. Mesclam-se nas redes informáticas- na própria situação de produção e aquisição de conhecimentos – autores e leitores, professores e alunos. As possibilidades comunicativas e a facilidade de acesso às informações favorecem a formação de equipes interdisciplinares de professores e alunos, orientadas para a elaboração de projetos que visem à superação de desafios ao conhecimento; equipes preocupadas com a articulação do ensino com a realidade em que os alunos se encontram, procurando a melhor compreensão dos problemas e das situações encontradas nos ambientes em que vivem ou no contexto social geral da época em que vivemos.(KENSKI, 2004, p.74).

Mas, a utilização do Facebook na escola ainda é uma discussão controversa, pois muitos educadores ainda apresentam resistências ao uso dessa ferramenta para melhorar a sua prática docente, seja por desconhecimento, preconceito ou jogar-se incapaz de realizar tamanha façanha, e por ainda prenderem-se aos meios/recursos tradicionais de ensino – quadro, giz ou pincel, projetores e livros didáticos. Porém, precisamos considerar:

Os impactos deste processo (o uso da web e seus recursos, como as redes sociais) na capacidade de aprendizagem social dos sujeitos têm levado ao

reconhecimento de que a sociedade em rede está modificando a maioria das nossas capacidades cognitivas. Raciocínio, memória, capacidade de representação mental e percepção estão sendo constantemente alteradas pelo contato com os bancos de dados, modelização digital, simulações interativas, etc.(BRENNAND, 2006, p.202).

Dessa forma, é possível que a rede social Facebook possa ser utilizada no processo de ensino e aprendizagem como uma ferramenta favorável ao acesso e socialização de conhecimentos, por possuir diversas ferramentas que proporcionam aos seus usuários uma diversidade de formas de comunicação, como grupos de relacionamento e discussão, bate-papos, postar mensagens, notícias, fotos, vídeos, entre outros.

Um Grupo pode ser criado no Facebook para representar determinado curso ou disciplina. Para criar um curso basta o instrutor designar um nome, determinar a visibilidade se será público ou restrito. Neste caso a opção restrito é a mais indicada para o instrutor adicionar somente os alunos que fazem parte daquele curso. A ferramenta Grupo oferece uma aba chamada Documentos, que permite que os membros do grupo criem documentos de forma colaborativa, todos os membros podem abrir, editar e salvar. Mais do que isso, com os Grupos, os estudantes podem comunicar-se entre si, compartilhar materiais e criar um sistema colaborativo de estudo com seus colegas de classe. (MAGRIN, 2013).

Portanto, levando-se em consideração que o aluno de hoje é um aluno investigativo, inquieto, criativo, questionador e muito mais ativo que os alunos das gerações passadas, pois estão sempre buscando novos meios que os estimulem e dê a eles o prazer de aprender algo que eles considerem interessante para a vivência de mundo deles. Resta apenas ao professor a adaptar-se a essa nova situação e trilhar junto àqueles nesse novo caminho de experiências e vivências do mundo tecnológico.

4 – ANÁLISES DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS

A pesquisa enfocada a seguir teve como público-alvo alunos e professores da Escola Estadual de Ensino Médio Governador Clóvis Bezerra Cavalcanti, situada na cidade de Dona Inês no Estado da Paraíba. A investigação foi feita com todo o corpo discente, aproximadamente 700 pessoas, e os docentes que totalizam, atualmente, 23 professores,

sendo 15 efetivos e 8 prestadores de serviço. Desde os alunos aos professores, suas idades variam de 14 a 55 anos, alguns professores já tem tempo de serviço e idade suficiente para a aposentadoria, mas ainda estão em sala da aula, por interesses particulares.

4.1 – Análise dos dados na visão dos professores

A primeira análise abordará um questionário subjetivo feito com os 23 professores da rede estadual de ensino médio da cidade de Dona Inês/PB, ou seja, a visão deles sobre as influências da rede social Facebook nos processos de ensino aprendizagens dos alunos da referida escola. Agora será exposto as perguntas com as respostas dadas pelos professores.

A princípio foi questionado se eles sabiam o que seriam as novas tecnologias: 19 afirmaram que conheciam, que engloba computadores, tablets, smartphones, celulares, etc, enquanto que 04 afirmaram que são todos aparelhos que podem acessar a internet.

A 2ª pergunta foi para saber se no curso de graduação, eles cursaram algum componente/disciplina relacionado ao uso das novas tecnologias na escola e 21 afirmaram não terem cursado, e apenas 02 afirmaram que cursaram.

A 3ª pergunta questionava se eles já tinham ouvido falar sobre o termo cibercultura e se eles sabiam o seu significado: 16 nunca ouviram falar, mas achavam que o termo significa um costume de um povo que acessa a internet, já 03 conhecem o termo e afirmaram ser a cultura eletrônica da atualidade, mas 04 não conhecem o termo e não quiseram opinar.

Na 4ª pergunta foi questionado se eles achavam que a escola está imersa na cibercultura: 17 afirmaram que sim, 04 acham que não e apenas 02 afirmaram que os alunos sim, mas alguns dos professores não.

Na pergunta seguinte foi perguntado se eles já fizeram algum curso de formação na área de informática na educação e qual curso: 23 responderam EPROINFO e destes, 08 já fizeram o pacote Office e sabem manuseá-los bem.

Na 6ª pergunta, procurou-se saber se eles utilizam o computador, e com qual finalidade: 14 afirmaram que usam com frequência, apenas para acessar o Facebook, 04 afirmaram que não usam com frequência e quando usam é apenas para acessar o Facebook, porém, 05 afirmaram que usam para planejar e executar a prática docente e acessar o Facebook.

A 7ª pergunta questiona se eles acessam a internet, a frequência de acesso, e de onde eles mais acessam e todos afirmaram que acessam a internet, e destes, 19 usam todos os dias,

04 usam apenas no final de semana, e todos afirmaram que utilizam em casa.

Na pergunta seguinte questionou-se qual a opinião deles a respeito das redes sociais: 12 afirmaram ser um local para troca de experiências, 06 afirmaram ser um ambiente para intercâmbio cultural e os demais afirmaram ser um lugar em que pessoas postam vídeos, fotos, mensagens, etc

Na 10ª pergunta, procurou-se saber se a linguagem digital praticada pelos discentes, perpassa para as atividades em sala de aula: 21 afirmaram que sim, que já pegaram em algumas atividades com marcas da linguagem digital; 02 afirmaram que nunca tiveram problemas com alunos sobre esse assunto.

A 11ª pergunta questiona se eles são usuários do Facebook e em que momentos acessam a conta do Facebook e todos afirmaram serem usuários do Facebook, e que sempre acessam.

A última pergunta pede para que eles falem um pouco sobre as influências do Facebook no processos de ensino aprendizagens na escola e disciplina em que lecionam, e 11 responderam que a maioria dos alunos não sabem utilizar o recurso Facebook com finalidade educativa, 08 responderam que o Facebook atrapalha muito as aulas, porque os alunos só querem ficar no Facebook e não dão importância a transmissão dos conteúdos, mas apenas 04 afirmaram que devido as condições precárias da escola, que eles não tem acesso a internet dentro das salas de aulas e por isso os tablets que alguns alunos receberam, acabam ficando sem utilidade, e que o Facebook passa a ser uma diversão para os alunos já que lá eles podem encontrar culturas variadas e devido as condições da escola, a maioria dos professores não conseguem trabalhar essa ferramenta para benefício da prática docente.

4.2 – Análise dos dados na percepção dos alunos

Agora trataremos da análise dos resultados obtidos no segundo questionário, também subjetivo, dessa vez, aplicado com todos os alunos do ensino médio, 700 alunos, aproximadamente, da Escola Estadual de Ensino Médio Governador Clóvis Bezerra Cavalcanti, da cidade de Dona Inês, Paraíba.

As respostas dos alunos serão expostas em forma de porcentagem e se comparadas as dos professores não foram muito diversificadas. Dessa forma, iniciamos a 1ª pergunta que questionou se eles já ouviram falar no termo cibercultura e se tem alguma ideia do que seja: e

70% afirmaram que nunca ouviram falar mas que acreditam ser alguma coisa relacionada ao acesso a internet, enquanto que 30% afirmaram que já conhecem o termo e que significa o costume de um povo em acessar o ciberespaço.

Na 2ª pergunta questionou-se se eles acham que a sua escola está imersa na cibercultura e todos afirmaram que não.

Na 3ª pergunta questiona se eles já ouviram falar no termo ciberespaço e se eles tem alguma ideia do que seja: 70% afirmaram que nunca ouviram falar mas que acreditam ser algo relacionado a internet, enquanto que 30% afirmaram que ciberespaço é o ambiente eletrônico que eles navegam para ter acesso as informações na rede.

Na pergunta seguinte, questiona se eles já fizeram algum curso na área de informática e qual curso: 40% afirmaram já ter feito, cursaram o pacote Office e os demais afirmaram que nunca fizeram.

A 5ª pergunta indaga se eles utilizam o computador, notebook ou tablet na vida deles e com qual finalidade e todos afirmaram que utilizam para acessar as redes sociais, em especial o Facebook.

Na questão 6 pede para que eles respondam se acessam a internet, a frequência de acesso e a localidade onde eles acessam: 60% disseram que acessam todos os dias na escola, lan house, em casas de amigos, etc, e os outros 40% disseram que acessam todos os dias na escola.

A pergunta seguinte procura saber a opinião deles a respeito das redes sociais e uma grande maioria composta de 90% adoram acessar por que conseguem conversar com pessoas do mundo inteiro, fazer novas amizades e saber da vida dos outros, enquanto que 10% afirmam que as redes sociais proporcionam novas experiências, novos relacionamentos e trocas de conhecimentos e informações.

A pergunta de número 8 indaga se eles são usuários do Facebook e em que momentos acessam a conta do Facebook e todos afirmaram serem usuários e acessam todos os dias, todas as horas, em casa, na escola, casa de amigos, na praça, em vários lugares.

A 9ª pergunta questiona se já foram repreendidos por algum professor por estarem acessando o Facebook durante a aula: 85% afirmaram que sim, algumas vezes, 12% afirmaram que nunca foram repreendidos e apenas 3% afirmaram que são repreendidos sempre pelos professores.

A questão de número 10 pergunta se eles já ouviram falar no termo “internetês” e se eles tem alguma ideia do que seja e uma grande maioria composta de 80% dos alunos que

nunca ouviram falar, mas acham que seja algo relacionado a internet;, enquanto que 20% afirmam que é o termo dado à linguagem digital.

A penúltima pergunta indaga se eles já fizeram uso da linguagem digital em alguma produção textual e caso tenha feito, qual foi a crítica utilizada pelo professor(a) a esse respeito: 85% afirmaram que nunca fizeram uso em produções textuais, porém, 15% afirmaram que já usaram mas que os professores não gostaram, chegando até a tirar pontos na disciplina.

A última pergunta pede para que eles falem um pouco sobre as influências do facebook nos processos de ensino e aprendizagens da escola que estuda: 85% afirmaram que conseguem separar as duas coisas, mas 15% acham que a realidade poderia ser diferente, que os professores deveriam de alguma forma unir o útil ao agradável e assim agregar o Facebook as aulas para torná-las mais atraentes..

Portanto, com base nos dados expostos acima, a visão de mundo e percepção da realidade entre professores e alunos englobam algumas intâncias variadas, e podemos perceber que por, a grande maioria, não estarem diversificando suas aulas, inovando e de certa forma inserindo parte da realidade dos alunos nas aulas(o uso do facebook), acaba desmotivando parte dos alunos a aprenderem o currículo escolar e as aulas acabam sendo apenas aulas tradicionais, talvez por comodismo, ou até mesmo por falta de recursos, mas a verdade é que com a aplicação destes questionários obtivemos uma dialética: Professores que reclamam de alunos que fazem uso do facebook durante as aulas, que não se interessam pelos conteúdos, mas não tentam, de alguma forma usar a ferramenta Facebook em benefício da prática docente.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As novas tecnologias, abrem um leque extenso de oportunidades e formas de interação social entre os indivíduos, e por esse motivo já não podem mais serem ignoradas devido a grande facilidade de acesso e agilidade (de ir e vir) sem sequer sair do lugar, pois o mundo real, hoje, faz parte do mundo virtual e vice-versa e são esses segmentos, individuais e coletivos, que estão modificando a rotina escolar, que por sua vez precisa adequar-se a esse novo mundo.

E uma das garantias do sucesso com o uso do Facebook na rotina escolar, seria o uso, desta. com fim pedagógicos, não como substituição do paradigma tradicional, mas como

instrumento alternativo que complemente a prática dos profissionais da educação, que por sua vez, procurem-se inserir nesse novo paradigma educacional – a educação mediada pelo uso do Facebook – e aproveitá-lo para melhorar a sua prática, sendo dos fatores mais importantes, para tornar viável o uso do Facebook na escola, é o fato que precisa haver interesse por parte dos mesmos para que consigam explorar os recursos que o Facebook possui, propor atividades que abordem as múltiplas inteligências e habilidades dos alunos, de maneira que esses sintam-se motivados a aprender e a buscar aprendizagens significativas para a realização de atividades e que contribuam para a autonomia na busca por conhecimentos válidos em seu universo pessoal e social.

Acreditamos que para atingir esses alunos e conquistar seus comprometerimentos com a aprendizagem, nós, educadores precisamos ter em mente suas expectativas, desejos e necessidades, as quais estão relacionadas às informações e recursos interativos, referentes as vivências cotidianas na era tecnológica digital. E precisamos reconhecer que o uso educacional da Internet, bem como do Facebook e de seus recursos como ferramentas digitais ocorre fora das atividades escolares, e para a maioria dos professores tradicionais, esse uso acontece longe da orientação docente.

Dessa forma, percebemos que alguns professores, integrantes da pesquisa, são imigrantes digitais, enquanto outros recusam-se a sua inserção na nova era digital. Portanto precisam melhorar as suas práticas pedagógicas, levando-se em conta, principalmente, as características do nativo, e para tanto, torna-se desejável uma postura flexível, ter singeleza e reconhecer que precisam aprender com seus alunos e juntos construir redes de aprendizagens válidas e eficientes para o processo de ensino aprendizagens com o uso da rede social Facebook como instrumento facilitador educacional. Por fim, deveriam oferecer a esses alunos, atividades lúdicas e interessantes baseadas na Internet e no uso do Facebook, aproveitando a realidade sociocultural deles e utilizá-la em benefício da transmissão de conhecimentos e preparação para o mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Verônica Danieli de Lima. **O impacto das redes sociais no processo de ensino e aprendizagem.** 3º Simpósio hipertexto e tecnologias na educação: redes sociais e aprendizagem. In: Anais eletrônicos, 2010. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Veronica-Danieli-Araujo.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2014.

_____, Saint-Clair Cardoso de. **Métodos de Pesquisa.** Trabalho acadêmico. Universidade Católica de Brasília. Outubro, 2000. Disponível em: http://www.iesambi.org.br/apostila_2007/metodos_pesquisa.htm. Acesso em: 10 jun. 2014..

AURÉLIO, Dicionário Online do. **Significado de Paradigma.** Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Paradigma.html>. Acesso em: 08 abr. 2014

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara.** 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BRENNAND, Edna G. G. **Hipermídia e novas engenharias cognitivas nos espaços de formação.** In: SILVA, et al. (Org.) XIII ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Políticas educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino. Recife: ENDIPE,2006.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FERREIRA, Jacques de Lima. *at al.* **Do Paradigma Tradicional ao Paradigma da Complexidade: um novo caminhar na educação profissional.** In: B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 36, n.1, jan./abr., 2010. Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/361/artigo5.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2014.

FONTENELE, Marina. **Uso do internetês pode prejudicar futuro profissional', diz especialista.** In: Jornal online G1 Sergipe, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2013/10/uso-do-internetes-pode-prejudicar-futuro-profissional-diz-especialista.html>. Acesso em: 04 jun 2014.

GALLO, Patrícia. **Orkut como ferramenta de aprendizagem.** In: Mercado, Luis Paulo Leopoldo (org.). Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação. Maceió: EDUFAL, 2006.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HARASIM, Linda (Et al). **Redes de aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on-**

line. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

IANNI, Octavio. **Globalização: Novo paradigma das ciências sociais.** In: SciELO – Scientific Electronic Library Online. 8 v. 21 n. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/09.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2014.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 1995.

_____, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2006.

LEMOS, André (org). **Cibercidade: as cidades na cibercultura.** Rio de Janeiro: e-papers, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** 4. ed. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.

MACHADO, André; MATSUURA, Sérgio. **Facebook compra WhatsApp por US\$ 19 bilhões.** In: **Jornal Online O Globo**, 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/facebook-compra-whatsapp-por-us-19-bilhoes-11656044#ixzz36uGyppRs>. Acesso em: 20 jun. 2014.

MACIEL, João Wandemberg Gonçalves. **Internetês: variação lingüística ou modismo computacional?**, 2008. Disponível em: <http://gehaete.uepb.edu.br/trabalhos/2008/ago/1.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2014.

MAGRIN, Diego Henrique. **A Utilização do Facebook como Ferramenta Alternativa de Ensino-Aprendizagem.** In: Revista Gestão Universitária. 314. ed. UDEMO, 2013. Disponível em: http://www.udemo.org.br/2013/Leituras/Leituras13_0008_A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DO%20FACEBOOK%20COMO%20FERRAMENTA%20ALTERNATIVA%20DE%20ENSINO-APRENDIZAGEM.html. Acesso em: 20 mai. 2014.

MANESCHY, Patricia. **Tendências pedagógicas na prática escolar.** Seminário de tendências pedagógicas no Brasil, 2012. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:P2MaWQ8fWCEJ:www.aed.aedb.br/faculdades/ped/Downloads/1ano/Seminario_Tendencia/LUCKESI%2520%2520tendencias_pedagogicas.doc+&cd=14&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 28 abr. 2014.

OLIVEIRA, Antonio Gilmar da Silva. **Facebook um Marco na História**, 2014. Disponível em: <http://soludig.com.br/antonio/post/1026/facebook-um-marco-na-historia>. Acesso em: 12 jun. 2014.

PARADIGMA. In: Dicionário Online Priberam da Língua Portuguesa, 2013. Disponível em:

<http://www.priberam.pt/DLPO/paradigma>. Acesso em: 05 mai. 2014.

PRENSKY, Marc **Digital Natives, Digital Immigrants**. In: MCB University Press, 9 .vol. 5. n°, October, 2001. <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RAMOS, F. J. da Silva. **Minidicionário português-inglês**. 2. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: FTD, 2007.

RECUERO, Raquel. **A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social**. In: Eduardo Vizer. (Org.). *Lo que Mcluhan no previó*. 1ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012, v. 1, p. 205-223. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/re-demensagem.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2014.

SANTOS, Marisilvia dos. *At al.* **Imigrantes e nativos digitais: um dilema ou desafio na educação?**. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba: 2011. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5409_3781.pdf. Acesso em: 06 jul. 2014.

SILVA, Jomar. **10 cuidados que devemos tomar em redes sociais**. In: Revista Espírito Livre. Dezembro, 2009. Pp 28-32. Disponível em: <http://revista.espiritolivres.org>. 26 jun. 2014.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2010.

TEIXEIRA, Marcelo Mendonça . **A cibercultura na educação**. In: Revista pátio. 67 ed., 2013. Disponível em: <https://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/9258/a-cibercultura-na-educacao.aspx>. 21 mai. 2014.

TRINDADE, Ana Lígia. **Normalização de Trabalhos Acadêmicos: normalização segundo ABNT**. Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Canoas: Biblioteca Martinho Lutero: Setor de recursos online de informação, 2011.

VENTURA, Magda Maria. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. In: Rev SOCERJ. 20 ed. Setembro/outubro, 2007 Disponível em: http://www.polo.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf. Acesso em: 05 jul. 2014.

Anexo I – Pesquisa (aplicada com os professores)

Olá, este questionário compõe uma/a pesquisa intitulada “AS INFLUÊNCIAS DA REDE SOCIAL FACEBOOK: nos processos de ensino aprendizagens da Escola Estadual de Ensino Médio Governador Clóvis Bezerra Cavalcanti”.

Informações gerais:

Idade: _____ Escola onde trabalha: _____

Cidade: _____

Disciplina: _____ Formação: _____

Tempo de atuação: () até 1 ano () de 1 a 5 anos () de 6 a 10 anos () mais de 10 anos

Vínculo: () Efetivo () Prestador de serviço

1-Para você o que vem a ser as novas tecnologias?

2-Em seu curso de graduação, cursou algum componente/disciplina relacionado ao uso do das novas tecnologias na escola?

3-Já ouviu falar no termo cibercultura? Justifique. Se nunca ouviu, tem alguma ideia do que seja?

4-Você acha que a escola está imersa na cibercultura?

5- Já fez algum curso de formação na área de informática na educação? Qual?

6-Você utiliza o computador na sua vida? () sim () não. Com qual finalidade?

7-Assinale as alternativas:

a) Você acessa a internet? () sim () não

b) Frequência de acesso: () todos os dias () até três vezes por semana () só nos finais de semana

c) De onde você mais acessa: () minha casa () escola () casa de parentes ou amigos () lan house.

8-Qual a sua opinião a respeito das redes sociais?

9-Você já flagrou algum aluno, durante a sua aula, acessando o facebook? E qual a sua opinião a esse respeito?

10-A linguagem digital praticada pelos discentes, perpassa para as atividades em sala de aula?Justifique.

11-Você é usuário do Facebook? Caso seja, em que momentos você acessa sua conta?

12-Fale um pouco sobre as influências do facebook no processos de ensino aprendizagens na escola e disciplina em que leciona.

Anexo II – Pesquisa (aplicada com os alunos)

Olá. Este questionário compõe uma pesquisa intitulada “**AS INFLUÊNCIAS DA REDE SOCIAL FACEBOOK: nos processos de ensino aprendizagens da Escola Estadual de Ensino Médio Governador Clóvis Bezerra Cavalcanti**”.

Informações gerais

Idade: Escola onde estuda: Cidade: Série/turno:

1-Já ouviu falar no termo cibercultura?Justifique. Se nunca ouviu, tem alguma ideia do que seja?

2-Você acha que a sua escola está imersa na cibercultura? () sim () não

3-Já ouviu falar no termo ciberespaço? Justifique. Se nunca ouviu, tem alguma ideia do que seja?

4- Já fez algum curso na área de informática? Qual?

5-Você utiliza o computador, notebook ou tablet na sua vida? () sim () não. Com qual finalidade?

6-Assinale as alternativas:

a) Você acessa a internet? () sim () não

b) Frequência de acesso: () todos os dias () até três vezes por semana () só nos finais de semana

c) De onde você mais acessa: ()minha casa ()escola ()casa de parentes ou amigos ()lan house

7-Qual a sua opinião a respeito das redes sociais?

8-Você é usuário do Facebook?Caso seja, em que momentos você acessa sua conta do Facebook?

9-Você já foi repreendido(a) por algum professor(a) por você estar acessando o Facebook durante a aula?

10-Já ouviu falar no termo “internetês”?Justifique. Se nunca ouviu, tem alguma ideia do que seja?

11-Você já fez uso da linguagem digital em alguma produção textual?Caso tenha feito, qual foi a crítica utilizada pelo professor(a) a esse respeito?_

12-Fale um pouco sobre as influências do facebook nos processos de ensino e aprendizagens da escola que estuda.